

# 100

***História da literatura ocidental:*  
gênese, fundamentos e  
peculiaridades**

Roberto Acízelo de Souza

A partir de uma breve notícia sobre Carpeaux e seu perfil intelectual e político, empreende-se uma análise crítica de sua *História da literatura ocidental*. Consideram-se as circunstâncias da gênese da obra, bem como sua história editorial, as relações que mantém com produções congêneres e seus fundamentos conceituais.

Based on a brief note on Carpeaux and his intellectual and political profile, a critical analysis of his *História da literatura ocidental* is undertaken. The circumstances of the work's genesis are taken into account, as well as its editorial history, the relations established with similar works and its conceptual basis.

DOI 10.11606/issn.2447-8997.teresa.2020.165960

*HISTÓRIA DA*

# **LITERATURA**

*OCIDENTAL:*

# **GÊNESE**

FUNDAMENTOS E PECULIARIDADES

**ROBERTO ACÍZELO  
DE SOUZA**

1

A ideia teria partido de José Lins do Rego: propor ao diretor da biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia, unidade acadêmica da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), a elaboração de uma história da literatura mundial, a ser publicada pela Casa do Estudante do Brasil.<sup>1</sup> Corria o ano de 1943, e o bibliotecário, reconhecido por sua cultura e erudição, aceitou o desafio. Considerando seu expediente na biblioteca, bem como os ensaios e artigos que produzia rotineiramente para jornais e editoras, é provável que lhe restassem as madrugadas para ir escrevendo a obra,<sup>2</sup> até porque, como declarou numa entrevista, era um inveterado trabalhador noturno.<sup>3</sup> De positivo, sabe-se, segundo ele mesmo informa, que arrematou a empreitada em novembro de 1945.<sup>4</sup> Conforme uma testemunha, o projeto, da redação das primeiras linhas à colocação do ponto final, teria consumido um ano e meio,<sup>5</sup> tempo surpreendentemente curto para o volume do resultado: cerca de quatro mil páginas datilografadas.<sup>6</sup>

O autor da façanha era um austríaco chamado Otto Maria Karpfen, nascido em Viena, no derradeiro ano do século XIX, 1900. Empenhara-se na luta política contra o nazismo e pela independência da Áustria,

---

1 PEREZ, Renard. "Biografia". In: CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas na literatura*. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1968, p. 19.

2 Segundo informa uma fonte, com um detalhe anedótico que talvez lhe comprometa a credibilidade, o texto teria sido escrito "anarquicamente, em folhas de todos os formatos e tamanhos, às vezes em guardanapos de papel". CARVALHO, Olavo de. "Introdução a um exame de consciência". In: CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos: 1942-1978*, v. 1. Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: UniverCidade; Topbooks, 1999, p. 39.

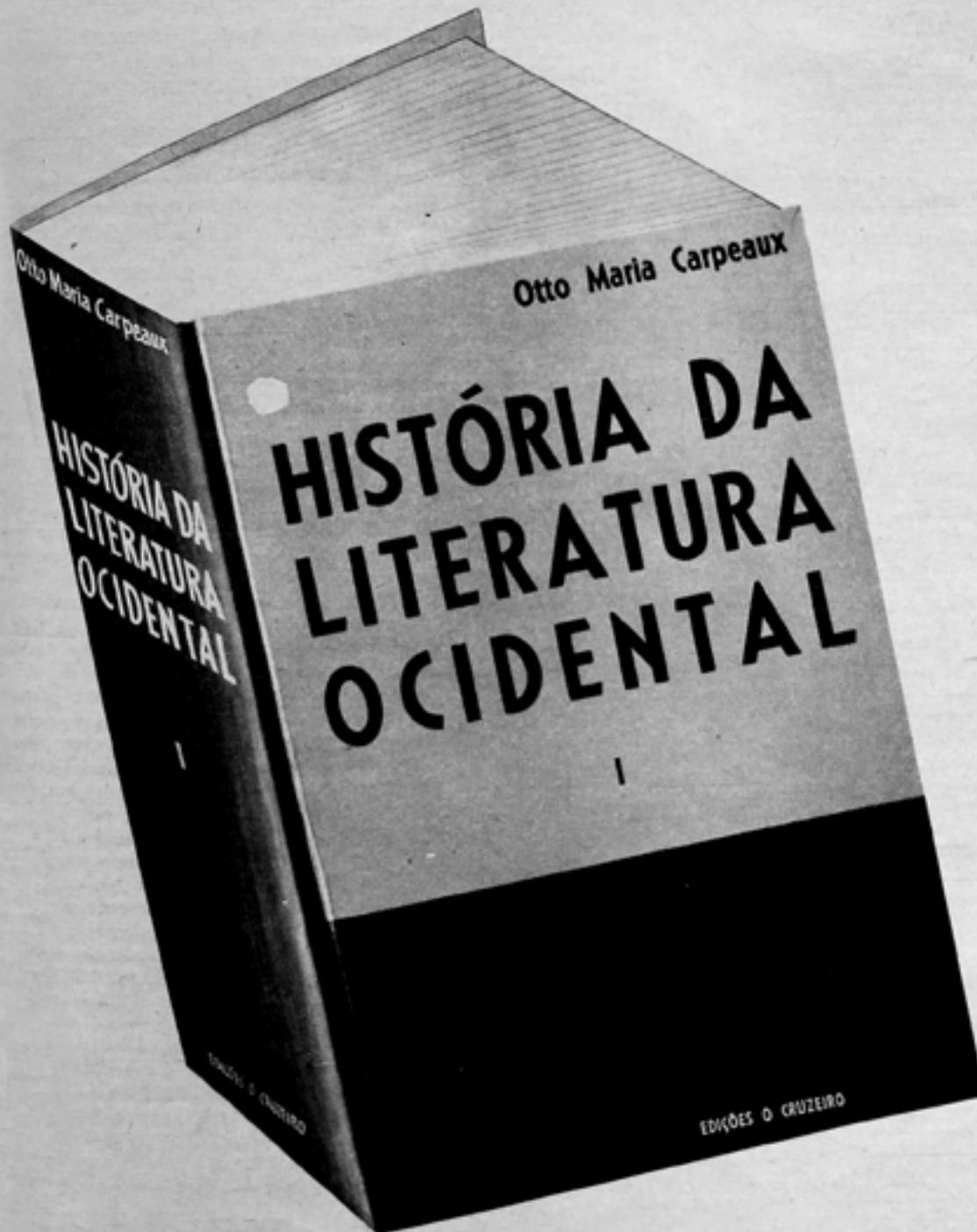
3 SENNA, Homero. "A literatura brasileira vista por um europeu [1949]". In: *República das letras: entrevista com 20 grandes escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Universidade do Vale do Paraíba, 3ª ed., 1996, p. 299.

4 Ibidem, p. 302.

5 MARQUES, Joaquim Campelo. "Dedicatória". In: CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, v.1, 3ª ed., p. xv.

6 PEREZ, Renard. "Biografia". Op. cit., p. 18.

# MONUMENTO LITERÁRIO A SERVIÇO DA CULTURA



De suas origens greco-latinas, até os dias atuais, a literatura do Ocidente desfila nesta grande obra que une a erudição à sensibilidade e a crítica à informação, dando aos leitores uma autêntica lição de humanismo.

Um livro indispensável a todos os leitores, porque é um livro que ensina a ler e a conhecer e amar os livros.

Preço do primeiro volume: Cr\$ 500,00 — Em todas as livrarias ou pelo serviço de Recembolso Postal — Edições O CRUZEIRO, Rua do Livramento, 203 — Rio de Janeiro.

mas, com a anexação de seu país à Alemanha, refugiou-se na Bélgica. De lá, ante a ameaça de invasão alemã, veio para o Brasil, em 1939, vivendo inicialmente no Paraná e depois em São Paulo, em condições bastante adversas. Acenam-lhe enfim, do Rio de Janeiro, com melhores condições de trabalho, o que o leva a transferir-se para o então Distrito Federal.

A partir daí, passa a ocupar colocações compatíveis com sua formação acadêmica – na Europa publicara três livros<sup>7</sup> e estudara matemática, física e química, além de filosofia e letras.<sup>8</sup>

Inicialmente, desconhecendo o português, escrevia seus artigos jornalísticos em francês, para posterior tradução e publicação. Logo, porém, graças aos seus conhecimentos de latim e diversos idiomas europeus, inclusive neolatinos, bem como, naturalmente, à sua inserção plena na vida do país adotivo, torna-se fluente em português, passando a escrever direto na nossa língua, dispensando assim a intermediação de tradutores. Conclui sua integração ao Brasil com duas formalidades: obtém cidadania brasileira e, conforme ele próprio explicou,<sup>9</sup> latiniza o sobrenome germânico *Karpfen*, para facilitar a pronúncia, adotando seu equivalente em francês: *Carpeaux*.

De 1942 a 1971, excluída a *História da literatura ocidental* e os volumes dela derivados, publicou catorze livros,<sup>10</sup> e, com o golpe militar de 1964, alinhou-se publicamente na oposição à ditadura, tornando-se figura emblemática e participante ativo do movimento estudantil. Suas posições políticas lhe custaram praticamente a inviabilidade de prosseguir exercendo a profissão de jornalista, o que o forçou, na fase final da vida, a procurar outro meio de sobrevivência. Passa então a trabalhar nos projetos editoriais de grandes enciclopédias, tendo como função principal a redação de verbetes. Morreu no Rio de Janeiro, em 1978.

## 2

Sua *História da literatura ocidental*, porém, talvez em função do investimento que demandava, considerando sua inusitada extensão, não se revelou viável para publicação pela Casa do Estudante do Brasil.

---

7 *Wege nach Rom: Abenteuer, Sturz und Sieg des Geistes* (1934), *Österreichs europäische Sendung. Ein außenpolitischer Überblick* (1935) e *Van Habsburg tot Hitler* (1938).

8 PEREZ, Renard. “Biografia”. Op. cit., p. 12.

9 SENNA, Homero. “A literatura brasileira vista por um europeu [1949]”. Op. cit., p. 299.

10 *A cinza do purgatório* (1942), *Origens e fins* (1943), *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (1951), *José Lins do Rego* (1952; em colaboração com Álvaro Lins e Franklin M. Thompson), *Respostas e perguntas* (1953), *Retratos e leituras* (1953), *Presenças* (1958), *Uma nova história da música* (1958), *Livros na mesa* (1960), *A literatura alemã* (1964), *A batalha da América Latina* (1965), *O Brasil no espelho do mundo* (1965), *Vinte e cinco anos de literatura* (1968), *Hemingway: tempo, vida e obra* (1971). Sua bibliografia conta ainda com volumes póstumos: *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux* (1978), *Reflexo e realidade* (1978), *Sobre letras e artes* (1994), *Ensaio reunidos: 1942-1978* (1999), *Ensaio reunidos: 1946-1971* (2005), *História concisa da literatura alemã* (2013), *Caminhos para Roma* (2014), *O canto do violino e outros ensaios inéditos* (2016), além de reedições da *História da literatura ocidental*, pela editora do Senado federal (2008) e pela Leya (2011, 2012), e de *A cinza do purgatório* (2015) e *Origens e fins* (2018), ambas pela Livraria Danúbio Editora. Um terceiro volume dos *Ensaio reunidos* acha-se em preparação pela Editora Topbooks.





Permaneceu assim inédita por muitos anos, até que, em 1959, as Edições O Cruzeiro publicaram seu primeiro volume, tendo saído o oitavo e último somente em 1966. Para a edição, segundo informa o autor no prefácio, o original de 1945 teve seu “texto inteiro revisto, refundido e remodelado”.<sup>11</sup>

Em 1968, é de supor-se que a primeira edição da obra já estivesse esgotada, pois, nesse ano, algumas de suas partes foram republicadas em três volumes autônomos, em formato de bolso, pelas Edições de Ouro. *A literatura grega e o mundo romano* reúne os capítulos I e II da Parte I; *As revoltas modernistas na literatura*, por seu turno, corresponde ao capítulo I da Parte X; e *Tendências contemporâneas da literatura*, por fim, acolhe o capítulo II da Parte X.<sup>12</sup> Os textos coincidem inteiramente com os da edição de 1959-1966, salvo pelo detalhe de que, nos volumes que

---

11 CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978-1984, v. 1, 2<sup>a</sup> ed., p. 11.

12 CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura grega e o mundo romano*. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1968; *As revoltas modernistas na literatura*. Biografia do autor por Renard Perez. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1968; *Tendências contemporâneas na literatura*. Biografia do autor por Renard Perez. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1968.

reproduzem a Parte x, os capítulos, em vez de inteiriços, apresentam-se subdivididos, com intertítulos que explicitam os segmentos da exposição.

A segunda edição sairia pela Editora Alhambra, também em oito volumes, publicados de 1978 a 1984. Esclarece o autor, no prefácio, ter sido a obra “cuidadosamente revista e emendada”, e sua “última parte, dedicada à literatura contemporânea, [...] totalmente reescrita”.<sup>13</sup> E acrescenta, malicioso: “Em face do número enorme de autores contemporâneos que mereceriam menção e estudo, o leitor desculpará omissões, das quais uma ou outra não foi involuntária”.<sup>14</sup>

As demais edições até agora existentes reproduziriam o texto da segunda, apenas remanejando a matéria para a divisão por volumes. Dispomos assim de uma terceira edição, do Senado Federal, em quatro volumes, publicada em 2008, e de duas da Editora Leya, que podemos considerar respectivamente como quarta e quinta edições. A quarta, de 2011, apresenta-se, como a edição do Senado, em quatro volumes, e a quinta, do ano subsequente, tendo adotado o formato de bolso, acha-se distribuída em dez volumes.<sup>15</sup>

### 3

O que à primeira vista chama a atenção na obra é a sua abrangência, pois trata não só das principais tradições literárias nacionais, mas também de literaturas quase desconhecidas, e tudo levando em conta a diversidade de gêneros e de épocas históricas. Ocupa-se assim “de todas as literaturas românicas e germânicas da Europa e seus ramos na América do Norte e Sul; as eslavas e outras da Europa oriental; e [...] as literaturas grega e neogrega, [bem como] as letras gregas e romanas da Antiguidade”.<sup>16</sup>

O prefácio à segunda edição informa que “foram estudados [...] mais de oito mil autores”,<sup>17</sup> o que nos sugere umas contas rápidas.

O autor concluiu a elaboração da obra quando tinha 45 anos. Vamos admitir que, para escrevê-la, tenha-se valido de leituras feitas durante os trinta anos anteriores, o que pressupõe, de saída, uma iniciação literária precoce, aos quinze anos. Admita-se, ainda, que tenha lido, em média,

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> Uma nova edição da obra, em três volumes, com estudo introdutório de Luiz Costa Lima, está programada para sair pela Editora Topbooks.

<sup>16</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Op. cit., v. 1, 2ª ed., p. 11.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 12.

dois livros de cada um dos oito mil escritores comentados, isso sem considerarmos as leituras das respectivas fortunas críticas. Chega-se assim à marca prodigiosa de dezesseis mil livros lidos em trinta anos, ou seja: 533 por ano, 44 por mês, onze por semana, um e meio por dia, de segunda a domingo.

Por outro lado, executou seu trabalho ciclópico num país carente de grandes acervos bibliográficos, onde não tinha à mão inúmeras das obras raras que cita.<sup>18</sup> Tampouco pôde dispor – é claro – de recursos tecnológicos absolutamente inconcebíveis em seu tempo, e que hoje tanto facilitam as pesquisas, o acesso às fontes e a preparação de originais para publicação.

Ora, todas essas evidências das dificuldades materiais que tiveram de ser contornadas para a condução do projeto a termo fizeram crer que o autor possuía uma enorme massa de informações anotadas, sem as quais teria sido impossível escrever obra de tal extensão, e ainda por cima em tão curto lapso de tempo. Assim, disseminou-se a convicção de que seria dono de um monumental e substancioso fichário – o que quer que isso venha a ser –, o que explicaria feito intelectual tão impressionante. Numa entrevista, contudo, indagado sobre a existência de tal trunfo, foi taxativo na resposta: “É lenda. Não possuo fichário algum”.<sup>19</sup>

Se não tiver sido dissimulação – atitude, de resto, improvável, tratando-se de pessoa sabidamente circunspecta –, fica uma verdade que mais parece lenda: erudição e capacidade de leitura “mais do que prometia a força humana”.

#### 4

Mas deixemos de especulações e venhamos à análise da obra. Inicialmente, vejamos a linhagem de estudos literários a que se filia.

Conforme assinala o autor na primeira frase da introdução, “História da Literatura é um conceito moderno”.<sup>20</sup> Criada na passagem do iluminismo para o romantismo, os primeiros tratados de história da

---

<sup>18</sup> Quanto ao seu acervo pessoal de livros, explica o autor, na referida entrevista de 1949, que possuía então “mais ou menos uns dois mil e quinhentos volumes, pequena biblioteca de trabalho, penosamente reconstruída; não é nada, mas é uma questão de *to make the best of it*” (SENNA, Homero, “A literatura brasileira vista por um europeu [1949]”. Op. cit., p. 297). Na entrevista, narra ainda uma pequena peripécia: na saída apressada de Viena, deixara para trás sua casa e todos os seus bens, entre os quais milhares de livros; depois, um professor norte-americano seu amigo, alegando junto à Gestapo que lhe emprestara vários livros, obteve permissão para escolher por volta de duzentos volumes dentre os que tinham permanecido na casa, remetendo-os em seguida para a Bélgica; finalmente, por necessidades financeiras, vendeu em São Paulo a maioria dos livros remanescentes.

<sup>19</sup> SENNA, Homero. “A literatura brasileira vista por um europeu [1949]”. Op. cit., p. 297.

<sup>20</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Op. cit., v. 1, 2<sup>a</sup> ed., p. 15.

literatura tinham por objeto culturas literárias nacionais específicas. Logo, no entanto, surgem trabalhos de proposição mais inclusiva, empenhados em narrar a história do que veio a chamar-se “literatura mundial”, “literatura universal” ou “literatura geral”. Não obstante, porém, exortações teóricas como a de Goethe (1827)<sup>21</sup> e a de Marx/Engels (1848),<sup>22</sup> o fato é que obras dedicadas à história da literatura mundial não foram numerosas no século XIX – tampouco no século XX –, e nenhuma delas alcançou a estatura e o prestígio das grandes histórias literárias nacionais, como, entre outras, as de Gervinus,<sup>23</sup> Taine,<sup>24</sup> De Sanctis<sup>25</sup> e Lanson.<sup>26</sup>

Sinal disso, aliás, é o fato de que, numa entrevista concedida em 1944 – enquanto ainda trabalhava na elaboração da obra, portanto –, Carpeaux, para fins de expor as diretrizes que o orientavam, menciona precedentes constituídos exclusivamente por histórias literárias nacionais (francesa, inglesa, espanhola, italiana, russa e norte-americana).<sup>27</sup> E mais tarde, no prefácio à primeira edição, ao passo que cita e comenta inumeráveis tratados de literaturas nacionais, refere apenas quatro obras dedicadas à “literatura universal”.<sup>28</sup>

A *História da literatura ocidental*, assim, desligando-se das disciplinas literárias antigas – retórica e poética –, inscreve-se no campo moderno do historicismo aplicado à literatura, porém não no seu setor hegemônico – o das literaturas nacionais –, e sim no subcampo das histórias da literatura universal. Na entrevista mencionada, afinando seus instrumentos, o autor afirma tratar-se de um subcampo constituído

---

21 “Nestes tempos, a literatura nacional não quer dizer muito, a hora é da literatura do mundo, e cada um deveria contribuir para o seu desenvolvimento”. GOETHE, Johann Wolfgang von. “Poesia e universalismo” [1827]. In: SOUZA, Roberto Acízelo de (Org.). *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó: Argos, 2018, v. 1, 2ª ed., p. 318.

22 “A unilateralidade e a estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das numerosas literaturas nacionais forma-se uma literatura mundial”. ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do partido comunista*. Organização e introdução de Marco Aurélio Nogueira. Tradução de Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis: Vozes, 2001, 11ª ed., p. 70.

23 *Geschichte der poetischen National-Literatur der Deutschen* (1835-1842).

24 *Histoire de la littérature anglaise* (1863).

25 *Storia della letteratura italiana* (1871).

26 *Histoire de la littérature française* (1894).

27 “Uma história da literatura ocidental: fala o escritor Otto Maria Carpeaux – fazendo um inventário do passado”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1944, Crônicas e comentários, p. 2.

28 *Dell'origine, dei progressi e dello stato attuale d'ogni letteratura* (Juan Andrés; 1782-1799), *Lycée ou Cours de littérature ancienne et moderne* (Jean-François de la Harpe; 1799), *Geschichte der alten und neueren Literatur* (Friedrich Schlegel; 1815) e *Handbuch einer allgemeinen Geschichte der Poesie* (Karl Rosenkranz; 1832-1933). Cf. CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Op. cit., v. 1, 2ª ed., pp. 18-20.



## A HISTÓRIA DA LITERATURA OCIDENTAL de Otto Maria Carpeaux

por “livros para fins didáticos”,<sup>29</sup> alguns “ótimos”, mas todos com limitações que ele pretendia superar.

E que limitações eram essas, segundo o balanço crítico empreendido por ele, na entrevista de 1944, que configura uma espécie de carta de intenções? Em síntese, os pontos vulneráveis das histórias literárias seriam: adotar uma perspectiva única – filosófica, socioeconômica ou estética – acumular fatos (autores, obras, datas, movimentos literários); sobrecarregar a exposição com obras sem significação para o presente. E, no caso específico das histórias gerais da literatura, a essas inconsistências se acrescentaria mais uma: tratar das “literaturas orientais”.

Ora, sua proposta consistia exatamente em neutralizar cada um desses defeitos. Assim, a obra que então elaborava, esquivando-se ao trilema usual, fazia convergir os pontos de vista filosófico, socioeconômico e estético. Por outro lado, embora pretendesse disponibilizar ampla informação sobre fatos, “devia evitar a forma de catálogo seco de nomes e obras”, antes assumindo o risco intelectual

---

<sup>29</sup> O Brasil, aliás, é pródigo em obras do gênero. No caso dos estudos de história literária nacional, embora todos paguem algum tributo à destinação didática, muitos apresentam densidade e fôlego propriamente ensaístico. Os livros de história da literatura mundial, no entanto, constituem, na sua totalidade, tão somente compêndios ou manuais didáticos, tendo sido publicados entre nós os seguintes: *Resumo de história literária* (Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro; 1873), *Noções de história da literatura geral* (Afrânio Peixoto; 1932), *História universal da literatura* (Estêvão Cruz; 1936) e *Noções de história das literaturas* (Manuel Bandeira; 1940). A estes cabe acrescentar *História da literatura mundial*, do norte-americano John Macy. Obra de divulgação datada de 1925, foi traduzida por Monteiro Lobato e por ele publicada em volume sem data, porém seguramente da década de 1930, e cujas sucessivas reedições – 1941, 1946, 1958 e 1967 – atestam-lhe a boa receptividade no Brasil. Carpeaux, na introdução teórica de sua obra, não tomou conhecimento de nenhuma dessas publicações.

“de compreensão e interpretação”.<sup>30</sup> Além disso, não se ocuparia das literaturas orientais, por não constituírem “influências vivas entre nós”.<sup>31</sup> Por fim, em vez de uma atitude por assim dizer de antiquário, propunha-se “excluir rigorosamente tudo o que é apenas peso morto, de interesse meramente histórico: limitar-se às obras e aos autores que sobrevivem como influências reais na nossa vida espiritual”.<sup>32</sup> E foi categórico na conclusão do seu diagnóstico, que, afinal, legitimava o ambicioso projeto em que então trabalhava: “Até hoje não dispomos, em qualquer língua, duma história da literatura universal que reúna essas qualidades”.<sup>33</sup>

No prefácio à primeira edição e na introdução da obra, acrescentou mais uma “qualidade”, de que careceriam obras anteriores e que incorporou na concepção da sua: segmentação da matéria não por literaturas nacionais, tampouco por gêneros (prosa, poesia, lírica etc.), mas por “estilos literários”, concebidos como categorias transnacionais, espécie de penhor, por conseguinte, do caráter unitário da literatura do Ocidente, aí incluídas as clássicas, as europeias e as americanas.

## 5

Ao mesmo tempo, porém, que a *História da literatura ocidental* se autoinscreve explicitamente no campo do historicismo, não se contenta com um dos traços mais característicos dessa vertente dos estudos literários: o alheamento à teoria. Assim, contrastando claramente com a inapetência por desenvolvimentos teóricos própria às histórias literárias, a obra se inicia com uma longa e substancial introdução de cunho conceitual, encerrando-se com um extenso epílogo igualmente dedicado à teorização.<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> “Uma história da literatura ocidental: fala o escritor Otto Maria Carpeaux – fazendo um inventário do passado”. Op. cit., p. 2.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 7. No entanto, no prefácio à primeira edição fez constar a seguinte observação: “O título – *História da literatura ocidental* – não significa a exclusão completa das literaturas orientais, cujas relações com as do Ocidente nunca foram, aliás, contínuas. Influências decisivas do Oriente foram devidamente consideradas: no capítulo relativo à Reforma encontra-se uma digressão sobre a Bíblia” (CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Op. cit., v. 1, 2ª ed., p. 11). O fato, porém, é que, ao contrário de outros livros do gênero, não há capítulos específicos sobre manifestações “literárias” egípcias, persas, indianas, árabes, chinesas, japonesas, etc., que costumam constituir as partes iniciais desses compêndios.

<sup>32</sup> “Uma história da literatura ocidental: fala o escritor Otto Maria Carpeaux – fazendo um inventário do passado”. Op. cit., p. 7.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 1.

<sup>34</sup> A introdução encontra-se como parte autônoma tanto na primeira como na segunda edição. O epílogo, porém, só aparece plenamente como parte autônoma – pois dotada deste título específico – na segunda edição; na primeira, embora não disponha de autonomia plena, dado que carece de título, apresenta-se no final do último capítulo da obra (“Tendências contemporâneas – um esboço”), dele destacado por um recurso gráfico (\*\*\*)). Na segunda edição, embora o epílogo conserve as linhas gerais que apresenta na primeira, o autor introduziu substanciais modificações, determinadas, ao que parece, não só pelo empenho de atualizar o texto,

Na introdução, discute minuciosamente os antecedentes dos estudos históricos aplicados à literatura – antigos, medievais, renascentistas, barrocos –, até entrar na análise das realizações da história literária propriamente dita, a fim de tomar posição nas controvérsias que a disciplina comporta, e assim escolher e justificar o rumo que imprimirá ao seu projeto. No epílogo, por sua vez, empreende amplo inventário de teorizações modernas sobre matéria literária. Começa caracterizando tradições nacionais inglesas, alemãs, francesas, italianas e russas, dos séculos XVIII e XIX, referindo um total de 25 críticos destacados. Mostra depois, em síntese admirável, pela simplicidade e precisão, a fisionomia geral dos estudos literários novecentistas:

A crítica literária moderna se apoia em métodos cada vez mais sistemáticos e cada vez mais sutis. O século XX é propriamente o da crítica, que deixou de ser gênero literário para assumir a dignidade de uma disciplina científica ou quase científica e estabelecer espécie de literatura ou metaliteratura, ao ponto de às vezes perder de vista a própria literatura.<sup>35</sup>

Em comparação com os grandes críticos literários do passado, os Barthes, Jakobson, Spitzer, Lukács, Della Volpe, Blackmur, Bachelard parecem uma espécie nova. Não são poetas nem escritores nem literatos ou jornalistas literários nem diletantes da literatura, mas são especialistas em linguística, em psicologia e em psicanálise, em sociologia e marxismo, em estética e em filosofia. A maior parte de suas obras é inacessível a quem é leigo nessas ciências. A crítica literária moderna não se destina ao grande público.<sup>36</sup>

Às tradições nacionais antes referidas acrescenta então a espanhola e a norte-americana, e menciona nada mais, nada menos que 36 outros críticos. Por fim, arremata o epílogo discutindo as questões do cânone e do alegado “fim da literatura”, apontando as correlações que identifica entre tal visão apocalíptica e os movimentos do *nouveau roman*, do teatro do absurdo e do teatro de documentação, atualíssimos no instante mesmo em que escrevia.

---

mas também por nova seleção das informações de que dispunha. Vale a pena, pois, ler ambas as versões do epílogo.

<sup>35</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Op. cit., v. 8, 2ª ed., p. 2298.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 2304.

No corpo principal da obra, é conseqüente com o princípio que formulara, de compor em sua exposição os pontos de vista socioeconômico e estético, com incursões eventuais a uma dimensão que se poderia dizer filosófica. Isso transparece, por exemplo, nas expressões com que nomeia os sucessivos períodos que estuda, retiradas ora da nomenclatura de uma história por assim dizer geral – “Reforma”, “Ilustração e Revolução”, “A época da classe média”, por exemplo –, ora da terminologia de uma história especificamente estética ou literária – “Barroco”, “Classicismo”, “Romantismo” etc.

Por outro lado, ainda de acordo com sua exposição de princípios constantes da introdução e do prefácio à primeira edição, embora pródigo no fornecimento de dados – nomes de autores, títulos de obras, datas, sínteses de juízos críticos – no próprio texto principal ou nas notas, não deixa de pronunciar-se criticamente sobre as questões de que vai tratando. Considerando a vastidão do *corpus* de que pretende dar conta, no entanto, dispensa processos analíticos, servindo-se de fórmulas extremamente sintéticas, às vezes sentenciosas ou epigramáticas, e que procuram amalgamar traços biográficos, estilísticos e sociológicos, não raramente resvalando no impressionismo.<sup>37</sup> Eis alguns poucos exemplos, entre as centenas que se podem encontrar nas suas páginas:

Horácio é, talvez, o maior entre os poetas menores: sensível sem sentimentalismo, alegre sem excessos, espirituoso sem prosaísmo.<sup>38</sup>

François Rabelais, vigário e médico em combinação inédita, humanista erudito e humorista extravagantíssimo, é o autor do livro mais divertido e mais indecente da literatura francesa.<sup>39</sup>

Em Bocage, o mais hábil, não o mais profundo dos versificadores portugueses, [temos] a expressão de uma alma caótica. Inúmeros sonetos magistralmente construídos com elementos da maior banalidade, e inúmeros epigramas, mais triviais do que mordazes; sentimentalismo erótico e obscenidade brutalíssima; [...] racionalismo

---

<sup>37</sup> Numa passagem do epílogo, aliás, o autor parece não rejeitar de todo o componente impressionista no exercício da crítica. Assim, se condenou os “impressionistas superficiais ou frívolos” (Faguet, Lemaître), manifestou apreço por Sainte-Beuve e Anatole France (cf. CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Op. cit., v. 8, 2ª ed., p. 11, pp. 2295-2296).

<sup>38</sup> Ibidem, v. 1, p. 86.

<sup>39</sup> Ibidem, v. 2, p. 388.



audacioso [...] e as angústias pavorosas dos últimos arrependimentos: tudo isso em conjunto revela, por trás do verbalista engenhoso, uma personalidade interessante.<sup>40</sup>

Machado de Assis, o maior escritor da literatura brasileira, não é exótico em relação à Inglaterra, e sim em relação ao Brasil. O caso é enigmático: um mulato de origem proletária, autodidata, torna-se o escritor mais requintado de sua literatura, espírito cheio de *arrière-pensées*, que exprimiu menos em versos parnasianos do que em romances meio satíricos à maneira de Thackeray.<sup>41</sup>

A época vitoriana não tolerava outra poesia senão secreta. Isso não quer significar o ostracismo absoluto dos poetas: foram banidos da sociedade burguesa apenas aqueles que ousaram exprimir sentimentos e conflitos pessoais. A poesia tinha que servir de enfeite aos domingos; nos dias úteis, aquela coisa inútil só era um *hobby* de estetas ou universitários.<sup>42</sup>

Por fim, procura também observar o princípio de, nos materiais que examina, especialmente aqueles situados em tempos mais remotos, valorizar-lhes não o mero interesse histórico, mas seus modos de sobrevivência “como influências reais na nossa vida espiritual”.<sup>43</sup>

Exemplo desse expediente encontramos na passagem em que, a partir da noção de “lugar na vida”, cunhada pela ciência do folclore em função de gêneros orais, mostra as afinidades e as diferenças entre as culturas literárias antiga e moderna, evidenciando assim o que haveria tanto de morto como de atual naquela:

O gosto dos gregos pela retórica é, para nós outros, um fenômeno algo estranho: não se cansaram de ouvir discursos, inúmeros e intermináveis, na assembleia e perante o tribunal; de discursos metrificadas encheram as tragédias, e até nas obras de historiografia inseriram discursos inventados; a retórica era considerada discípula principal da educação superior, e enfim foi identificada com a própria

---

40 Ibidem, v. 4, pp. 799-800.

41 Ibidem, v. 6, p. 1413.

42 Ibidem, p. 1417.

43 “Uma história da literatura ocidental: fala o escritor Otto Maria Carpeaux – fazendo um inventário do passado”. Op. cit., p. 7.

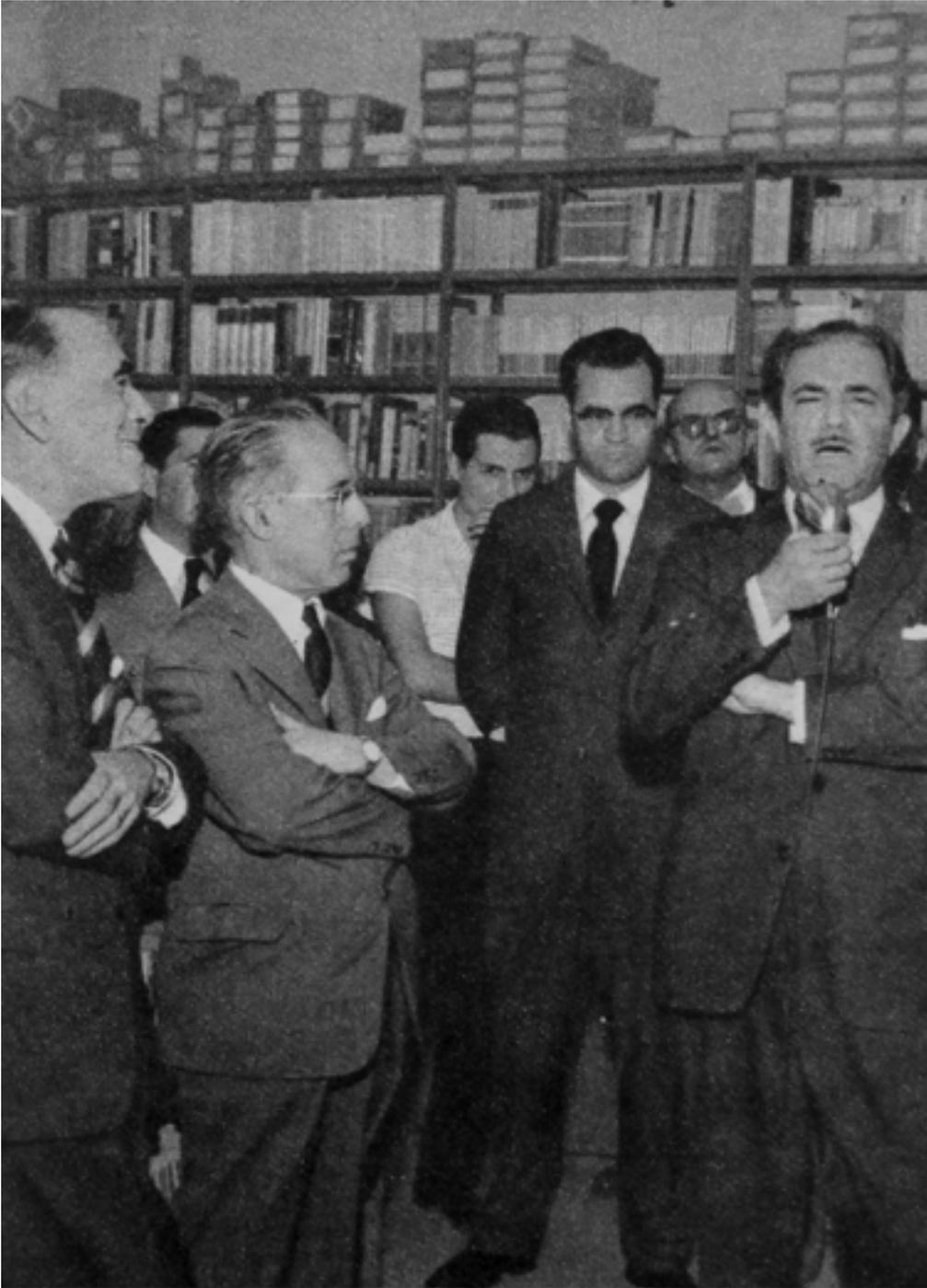
cultura. Evidentemente, não pode ser confundida com a retórica moderna, sempre subjetiva, instrumento de efeitos estilísticos ou tentativa de “*mettre en scène*” a pessoa do orador. A retórica grega visava a um fim objetivo comum a todas as atividades espirituais: a vontade de garantir à obra um “lugar na vida”.<sup>44</sup>

*A História da literatura ocidental*, em síntese, pelo que nossa análise permite concluir, mantém-se fiel às diretrizes conceituais com que se propôs operar, logrando equilibrar-se com desenvoltura entre determinações contraditórias. Assim, no seu empenho de “compreensão e interpretação”, evita unilateralidades conceituais, procurando compatibilizar, como fundamento para seus juízos, subsídios tanto de ordem socioeconômica e filosófica como de extração estética. Paralelamente, tratado historiográfico que é, orienta-se pela cronologia e mostra-se generosa na disponibilização de dados objetivos sobre autores, obras, períodos, sem com isso reduzir-se a simples inventário de materiais literários mortos e distantes no tempo, antes os submetendo a crivo crítico que realce seus significados para o presente. Disso resulta uma narrativa que, como é próprio dos bons tratados de história literária, destaca-se antes por sínteses arrojadas do que por análises minuciosas, sendo veloz sem ser ligeira, dado seu lastro de informações substanciais e o discernimento crítico de que estas vão permeadas. Essa impressão de fluência e agilidade, por sinal, é produzida principalmente pelos ganchos frequentes de que se serve o autor, recurso que maneja com verdadeiro virtuosismo, e que lhe permite abreviar as distâncias entre os variados temas que vai percorrendo, mal se percebendo as transições. Veja-se, como exemplo do processo, as passagens a seguir transcritas, escolhidas entre muitas semelhantes: na primeira, as considerações sobre Annenski conduzem com naturalidade à caracterização de Sollogub; na segunda, um juízo sobre Byron remete à apresentação de Landor, e desta à de Leopardi.

O primeiro grande poeta russo do século XX foi Annenski [...]; foi mesmo uma personalidade poética muito original, escondendo atrás do decadentismo melancólico dos seus versos musicais uma angústia quase patológica. Não foi compreendido em seu tempo. Mas aonde

---

44 CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Op. cit., v. 1, 2ª ed., p. 68.



mal chegaram os versos, apreciava-se a prosa de um temperamento parecido, Sollogub. Sollogub também foi grande poeta. Mas a sua obra principal é um romance [...].<sup>45</sup>

Byron estava fora da tradição poética inglesa; e não encontrou adeptos entre os poetas ingleses. [...] O único byroniano autêntico na Inglaterra é um prosador: Landor. [...] Como homem do século XVIII, acreditava no progresso, e a sua viagem imaginária pela história inteira não conseguiu convencê-lo do contrário. O historicismo do século não atingiu a esse velho súdito rebelde da rainha Vitória. No modo a-histórico de pensar, também reside parte da grandeza de Leopardi [...].<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> Ibidem, v. 7, p. 1741.

<sup>46</sup> Ibidem, v. 5, pp. 1255-1257.

Até aqui, as observações alinhavadas sobre a gênese, os fundamentos conceituais e certos traços peculiares da *História da literatura ocidental* provavelmente deram a entender que a obra constitui uma espécie de monumento isolado na própria grandeza. No entanto, não convém concluir sem especular sobre o campo intelectual em que ela se insere.

Na verdade, o trabalho de Carpeaux se alinha com projetos que, na primeira metade do século XX, procuraram construir uma ideia de literatura para além dos panoramas nacionais traçados pelo historicismo literário oitocentista. Talvez se possa mesmo dizer que a questão se colocou na ordem do dia de modo particularmente agudo durante a década de 1940, como uma espécie de esforço, no plano das ideias, de assegurar a unidade da civilização, contra sua bárbara dilaceração perpetrada por duas guerras sucessivas de proporções mundiais.<sup>47</sup>

Se procede a hipótese, não terá sido por acaso a publicação quase simultânea de duas grandes obras orientadas por esse espírito, *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (1946), de Erich Auerbach (1892-1957), e *Literatura europeia e Idade Média latina* (1948), de Ernst Robert Curtius (1886-1956).<sup>48</sup> Ora, a nossa *História da literatura ocidental*, como vimos, embora publicada só nos anos 1950, foi concebida e escrita entre 1943 e 1945, e por um quase contemporâneo de Auerbach e Curtius, pautando-se pelo mesmo objetivo de demonstrar que, para além dos fatores que a dividem, a humanidade persiste íntegra, sendo a literatura sintoma claro do desejo de união entre as nações.<sup>49</sup>

Por certo, há também diferenças entre essas obras, embora sejam elas equivalentes em importância: a de Auerbach e a de Curtius são analíticas e não narrativas, e um tanto avessas à sistematização teórica,

---

47 Cf.: “Livros [como o de Auerbach e o de Curtius] buscavam contrapor luminosas reflexões acerca da herança cultural aos ruinosos atos de barbárie que devastavam o mundo, até então, dito civilizado. Às bibliotecas que eram destruídas, ou ameaçadas de destruição, substituíam bibliotecas ideais; à desordem do mundo impunham a ordem dos livros, recuperada pela silenciosa leitura dos cânones clássicos, monumentos perenes da tranquilidade horaciana”. BARBOSA, João Alexandre. “A biblioteca imaginária”. In: *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê, 1996, p. 21.

48 Se tivermos em conta os períodos de elaboração dessas obras, a simultaneidade é maior ainda: Curtius informa, no Prefácio, ter começado os “trabalhos preparatórios” para seu livro em 1932, os quais se estenderam até 1946-1947 (CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Tradução de Teodoro Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957 [1948]); Auerbach declara ter escrito o seu entre 1942 e 1945, durante o período em que, exilado, foi professor em Istambul (AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971 [1946]); e Carpeaux, como vimos, redigiu a sua *História* de 1944 a 1945.

49 Se em meados do século passado a questão da unidade das literaturas se discutia tão somente no âmbito das literaturas ocidentais ou europeias (aí compreendidas os ramos americanos das literaturas europeias, como diz Carpeaux), por certo hoje o debate sobre a ideia de literatura mundial deixou de ser eurocêntrico.

ao passo que a de Carpeaux segue o modelo historiográfico – narrativo, portanto –, concedendo, porém, generosos espaços à teorização; por fim, enquanto o prestígio cultural do alemão favoreceu traduções diversas dos originais de Auerbach e de Curtius, o livro de Carpeaux até hoje não foi traduzido para nenhuma língua,<sup>50</sup> seguindo destino comum a tantas obras de mérito compostas no nosso “rude e doloroso idioma”.<sup>51</sup>

ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA é professor titular da Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e foi professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal Fluminense. Autor de diversos livros, sendo *E a literatura, hoje? Estudos de crítica, história e teorias literárias* (Argos, 2018) o mais recente.

---

50 Na verdade, existe uma tradução recente, embora parcial: CARPEAUX, Otto Maria. *Histoire de la littérature occidentale au XX.<sup>e</sup> siècle: extraits (1920-1980). Précédé d'une Introduction à l'histoire du temps et de l'histoire en littérature. Traduction et édition de Luiz Eduardo Prado de Oliveira. Avec la collaboration de Hélène Schmitt et Jean-Claude Pons*. Paris: L'Harmattan, 2017, pp. 5-11. O que, no entanto, não nos parece suficiente para assegurar a difusão internacional da obra, pois se trata de tradução de pequena parte dela, além de bastante retardatária (vem a público cinquenta anos após a primeira edição do original). A propósito, veja-se a seguinte observação: “*Le manque d'écho international de la monumentale História da literatura ocidental [...] de Carpeaux, généralement ignorée par les comparatistes du monde entier, est assez caractéristique du lot ordinairement réservé, à quelques exceptions près, à la production intellectuelle de la périphérie*” (Pfersmann, 2014, p. 223).

51 Embora não citados diretamente, os textos referidos a seguir foram consultados para a elaboração deste artigo e podem ser úteis ao leitor interessado: BOSI, Alfredo. “Carpeaux e a dignidade das letras”. In: *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 167-169; \_\_\_\_\_. “Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária”. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, pp. 7-53; \_\_\_\_\_. “Relendo Carpeaux”. In: *Três leituras: Machado, Drummond, Carpeaux*. São Paulo: Editora 34, 2017, pp. 61-81; \_\_\_\_\_. “Sobre Otto Maria Carpeaux”. In: *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013, pp. 405-421; CANDIDO, Antonio. “Dialética apaixonada”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 89-95; JUNQUEIRA, Ivan. “Mestre Carpeaux”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos: 1946-1971, v. 2*. Rio de Janeiro: UniverCidade Ed.; Topbooks, 2005, pp. 15-45; LINS, Álvaro. “Apresentação de um companheiro europeu em exílio”. In: *O relógio e o quadrante: 1940-1960*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, pp. 153-160; MENEGALE, J. Guimarães. “Literatura ocidental”. *Leitura*, n. 25, Rio de Janeiro, ano XVIII, jul. 1959, pp. 17-18; RÓNAI, Paulo. “Uma história da literatura ocidental”. *Comentário*, n. 8, Rio de Janeiro, out./nov./dez. 1961, p. x; THEOBALD, Pedro. “A História da literatura ocidental de O. M. Carpeaux e a crítica de Wilson Martins”. *Letrônica*, v. 11, n. especial, Porto Alegre, set. 2018, pp. 140-145; \_\_\_\_\_. *Formas e tendências da historiografia literária: o caso da literatura alemã no Brasil*. 2008. Tese (doutorado em literatura comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; VENTURA, Mauro. *De Karpfen a Carpeaux: formação política e interpretação literária na obra do crítico austriaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002; VIANNA, Thereza Vicente. *Carpeaux e o futuro da crítica*. 1999. Tese (doutorado em literatura comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.